



A FORMAÇÃO IDENTITÁRIA DE PROFESSORAS DE ARTES VISUAIS E AS IMPLICAÇÕES DOS ARTEFATOS VISUAIS EM SUAS PRÁTICAS

THE IDENTITY TRAINING OF VISUAL ARTS TEACHERS AND THE IMPLICATIONS OF VISUAL ARTS IN THEIR PRACTICES

Alessandra Gurgel Pontes
Universidade Federal de Pelotas, Brasil
sanagurp@gmail.com

Resumo

O presente trabalho é parte de minha pesquisa que está em andamento, em nível de mestrado (PPGE/ UFPel) e, que, busca analisar a formação identitárias de professoras de Artes Visuais frente as implicações do discurso patriarcal – que possa estar incutido na Cultura Visual através de determinados artefatos Visuais – e o reflexo disso em suas práticas pedagógicas na educação escolar. Ressalto que a pesquisa está em fase inicial e o recorte oferecido para este evento intenta apresentar algumas nuances a respeito das implicações desses artefatos visuais, mediados através da cultura visual midiática e propagandista, nas práticas educativas dessas professoras, na educação básica. Entretanto, vale ressaltar que tal cogitação ainda está em base teórica e investigativa, e que a metodologia de coleta de dados está em andamento, portanto serão apresentados alguns apontamentos e resultados já obtidos. Ainda é relevante ressaltar que as ponderações possibilitarão balizar os efeitos disso na construção de estereótipos de gênero binários, de alunos dessa fase e que possivelmente são representados através de suas produções visuais. Essas inquietações partem do desejo de avaliar não só as práticas pedagógicas de minhas colegas já formadas, como as minhas, na ótica de uma sociedade cerceada pela imagem hegemonicamente patriarcal e midiática e o reflexo disso na Educação. Considero, portanto, que essas cogitações serão imperativas para aferir alguns dados referentes a forma como as professoras de Artes Visuais estão conduzindo este ensino nas escolas de Educação básica frente às implicações da Cultura Visual midiática e, do patriarcado.

Palavras-chave: formação; cultura visual; patriarcado; práticas pedagógicas.

Abstract

The present work is part of my ongoing research at the Master's level (PPGE / UFPel) and, which seeks to analyze the identity formation of Visual Arts teachers facing the implications of the patriarchal discourse - that may be instilled in Visual Culture through certain visual artifacts - and the reflection of this in their pedagogical practices in school education. I emphasize that the research is in the initial phase and the clipping offered for this event tries to present some nuances regarding the implications of these visual artifacts, mediated through the visual and media propagandist culture, in the educational practices of these teachers, in basic education. However, it is worth noting that this is still a theoretical and investigative basis, and that the data collection methodology is in progress, so some notes and results will be presented. It is still relevant to point out that the weightings will make it possible to balize the effects of this in the construction of binary gender stereotypes of students of this phase and possibly represented through their visual productions. These concerns arise from the desire to evaluate not only the pedagogical practices of my colleagues already formed, as mine, in the perspective of a society constrained by the hegemonically patriarchal and mediatic image and the reflection of this in Education. I consider, therefore, that these

cogitations will be imperative to gauge some data referring to the way in which Visual Arts teachers are conducting this teaching in the schools of Basic Education in face of the implications of Visual Media Culture and of patriarchy.

Keywords: formation; visual culture; patriarchy; pedagogical practices.

Tecendo narrativas da pesquisa de formação de professoras de Artes Visuais e o feminismo

O presente texto é um pequeno recorte de minha pesquisa de mestrado, que está sendo desenvolvida junto ao programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas. A partir das observações realizadas junto ao grupo de Pesquisa da graduação: Pesquisa, Ensino e Formação Docente nas Artes Visuais (UFPel/CNPQ), coordenado pela Prof^a Dr^a Maristani Polidori Zamperetti foram sendo tecidas as narrativas e reflexões que deram origem a minha pesquisa e ao foco do estudo.

O enfoco das pesquisas do grupo, é catalogar dados que forneçam pistas que indiquem se os professores de Artes Visuais têm consciência do que significa os estudos da cultura visual e de que forma as visualidades são trabalhadas por eles, nas escolas de nível fundamental.

Com base nessas observações e entrevistas – as quais participei como bolsista de pesquisa no ano de 2017 – e nas práticas que exerci durante oficinas e o estágio curricular com turmas de educação infantil, primeiro, segundo e terceiro ano, comecei a construir caminhos para cogitar, durante a pesquisa de mestrado, a respeito das implicações da cultura visual nas práticas das professoras¹ de Artes Visuais.

Sendo assim, percebi que havia uma necessidade de considerar que a presença do patriarcado e dos estereótipos de gênero – incutidos em artefatos visuais – também estão presentes durante a formação dessas professoras. Essas presenças podem causar implicações na formação identitária de professoras de Artes Visuais e em suas práticas. Creio, que essa análise seja imperativa para entender de que forma o ensino dessa disciplina, pode ou não desconstruir esses estereótipos e permitir ou não a compreensão sobre a diversidade de gênero, possibilitando práticas artísticas livres de normativas binárias e conservadoras.

Durante esse processo, que se caracterizou pela elaboração do meu projeto de pesquisa, uma outra questão que aparecia como relevante para a análise, era a identidade da formação docente dessas professoras de Artes Visuais e até mesmo a minha. Não podemos deixar de pensar, que a formação precisa ser compreendida como base para a atuação pedagógica, e que ela se constitui antes e depois da graduação.

¹ É importante ressaltar que a pesquisa do grupo coletou dados de entrevistas feitas com professoras de Artes Visuais, entretanto a pesquisa não se restringe em analisar apenas as práticas de profissionais mulheres desta área. Ainda assim, neste texto, os profissionais serão referenciados como ‘professoras’ pois representa a maioria dos sujeitos que compõe a pesquisa.

Embora seja perceptível que essa formação está formalizada, nas instituições, pela ótica patriarcal, de certa forma, começa a ser ocupada pelas mulheres de modo cada vez mais representativo, seja por discentes ou docentes, causando um certo desconforto para a hegemonia dominante e conservadora. Conforme aponta Coutinho e Loponte (2015, p. 186) "há uma tendenciosa e condicionada hegemonia em torno do discurso masculino que, contagiando por longo tempo vários campos de ação, faz-se presente ainda hoje, perpetuando-se sobre docentes e discentes".

No entanto, ainda que tal formação esteja estruturada numa base patriarcal, o que se percebeu durante a pesquisa, é que ela pode se constituir de maneira mais democrática sob a perspectiva feminista, ao passo que as professoras de Artes Visuais são envolvidas em tramas contemporâneas, que oportunizam falarem de seus corpos e seus enfrentamentos sociais nas produções artísticas e em suas práticas educativas, desde a formação acadêmica e depois dela.

Além do mais, é um fato aparente, que o espaço acadêmico, e a formação continuada têm proporcionado, ainda que de forma tímida, discussões e pesquisas através de seminários e eventos acadêmicos, numa perspectiva pós-estruturalista, que possibilitam à mulher, discorrer a respeito de sua participação social e sobre a presença significativa do feminismo em práticas escolares. No entanto, Carvalho (2010, p. 78, 79) analisa que ainda que os assuntos pertinentes ao feminismo e as relações de gênero sejam reconhecidos e pelo PCN, não há uma preocupação generalizada sobre a introdução dessas temáticas nos currículos de formação, se restringindo apenas aos eventos e seminários.

Ainda assim, se percebe que, conseqüentemente, essas influências do feminismo e as relações de gênero – que surgem em concordância – produzem identidades docentes nas professoras que interagem com essas narrativas, de modo que elas passam a idealizar uma educação transgressora e focada na democratização dos gêneros. Deste modo, a prática do ensino de Artes Visuais, conduzidos por elas, pode proporcionar uma ação pedagógica e de produção visual sob a ótica feminista, social, e desvencilhada da influência causada pelo patriarcado que possa estar incutido na cultura visual.

Entretanto, é preciso pensar de que forma essas professoras lidam com os enfrentamentos frente à uma cultura dominante que por interesses próprios, continua a condicionar as crianças ainda em fase pré-escolar, criando estereótipos de gêneros. Segundo Pereira (2010, p. 213) "as representações dos estereótipos fazem parte de uma tática bastante coerente de manutenção da ordem dominante que intenta universalizar, fixar e homogeneizar os significados para as identidades". Esses padrões condicionantes são fixados através de artefatos visuais que estão presentes na escola por meio de diversas imagens.

Na maioria das vezes, essas imagens estão vinculadas à mídia e à propaganda, mas também estão presentes em produções artísticas históricas, e que normatizam a divisão binária dos gêneros estabelecendo padrões de cores e visualidades que são estipulados para meninos e

meninas. Portanto, se faz necessários que os estudos da cultura visual façam parte da formação das professoras para que o posicionamento seja possível. Conforme Nunes (2010, p. 160) “as imagens estão assumindo um lugar privilegiado no cotidiano, evidenciando a necessidade de uma educação para a compreensão da cultura visual”.

A inserção desses artefatos imagéticos no ambiente escolar, podem acabar por implicar na forma como as professoras de Artes Visuais conduzem suas práticas, gerando enfrentamentos, mas também podem significar a desconstrução de ideias instituídas. No entanto, é preciso considerar também a produção feminina contemporânea como forma de pontuar essas desconstruções sob a ótica social das mulheres, como sinaliza Coutinho e Loponte:

Para admitir a produção feminina como conhecimento a ser ensinado, é preciso pensar num tipo de ensino que contemple uma arte intercambiada com questões próprias do social. Seria um tipo de ensino que, em suas transitoriedades, fosse capaz de provocar diálogos plurais e ainda pouco vistos, que não esteja só interessado em transmitir informações convencionais, puramente manufatureiro (2015, p. 187).

Neste sentido, é preciso construir reflexões que tratam da questão dos artefatos visuais e do posicionamento das professoras, que possuem identidade docente feminista, frente à tais implicações. Pois o que nos interessa, de fato, saber, é como uma identidade docente feminista, pode desmitificar a influência do patriarcado, que são introduzidas através das imagens midiáticas, nas práticas pedagógicas artísticas.

De todo modo, essas reflexões estão em fase inicial de pesquisa e carecem de mais referenciais afim de corroborar essas colocações. Por isso é imperativo que essas reflexões devam estar mais presentes na formação acadêmica e continuada, não somente através de eventos, mas como disciplinas que indiquem as possibilidades de se construir práticas pedagógicas capazes de interagir criticamente com a cultura visual e com os códigos e mensagens que estão presentes nela.

Os Artefatos Visuais e as implicações nas práticas de professoras de Artes Visuais na Educação básica

As questões que serão abordadas aqui, são relativas as implicações dos artefatos visuais – que neste caso são imagens propagandistas e midiáticas voltadas para o universo infantil – nas práticas pedagógicas das professoras de Artes Visuais na educação básica. Essa escolha se deu pelas minhas experiências, durante o pré-estágio, oficinas de projetos, e no estágio curricular (em que passei três meses com uma turma de Educação Infantil) e as observações que sinalizaram a massiva quantidade de imagens que fazem parte do cotidiano dessa fase escolar.

Pois é nessa fase que os artefatos visuais e culturais são inseridos no ambiente escolar, por meio da midiatização de massa, construindo e desconstruindo identidades tanto em adultos



como em crianças. Entretanto, é na fase pré-escolar que essa influência tem a intenção de induzir a formação de identidades através de padrões patriarcais que vão sendo subjetivados para se tornarem verdades na construção do *eu*, e impedir a diversidade de gênero e a liberdade feminina.

Sendo assim, o que nos carece entender e analisar é de que maneira essas visualidades possam interferir na forma como as professoras de Artes Visuais conduzem suas práticas pedagógicas e como elas podem desmitificar os estereótipos normatizados nas imagens, e, que, acabam condicionando as crianças de forma sexista durante as práticas educativas artísticas.

Vale lembrar que essas imagens que compõe os artefatos visuais na escola e que são vinculados à propaganda, assim como aponta Pereira (2010), compreende uma vasta e incontável quantidade de visualidades ligados à cultura da qual as pessoas fazem parte. Como aponta Nunes (2010, p. 166) “não podemos ignorar que as imagens estão presentes de maneira significativa em nossa cultura (...) transmitindo e produzindo (sendo produzidas) maneiras de olhar o mundo”.

Certamente é notório, a quantidade imensa de imagens que são destinadas ao público infantil e que em sua maioria são estereotipadas por meio de cores e informações que são pré-estabelecidas como sendo pertencentes à meninas e meninos. Segundo Xavier Filha (2015, p. 17) “as cores rosa e azul constituem elementos da pedagogia de gênero que demarcam corpos e condutas de menina e de menino”.

Ainda assim, não podemos deixar de concordar que essas imagens acabam sendo usadas no ambiente escolar, afim de proporcionar meios para a elaboração de trabalhos artísticos como forma de construir narrativas e representações visuais. Contudo, a inserção desses artefatos imagéticos na escola, acabam por implicar na forma como as professoras de Artes Visuais, com perspectivas feministas, conduzem suas práticas.

Por isso, é preciso que as professoras estejam conscientes que essas imagens utilizadas em suas práticas pedagógicas em Arte possuem códigos normativos e dominantes, assim como pra averiguou Xavier Filha (2015), ao afirmar que esses artefatos visuais midiáticos são inseridos no universo infantil como uma forma de moralizar e governar as crianças com base em discursos conservadores, ligados ao cenário político e social, afim de evitar a diversidade de gênero e o feminismo.

Essas constatações também surgem a partir das observações que foram feitas para a coleta de dados dessa pesquisa e principalmente durante meu estágio curricular e nas oficinas, em que trabalhei algumas temáticas com as crianças, a partir de colagens das imagens retiradas de revistas, no intuito de faze-los construir narrativas que representassem suas identidades, ou melhor, como eles enxergavam suas identidades, pois conforme aponta Souza e Zamperetti:

Objetos e artefatos visuais estão diretamente ligados à formação identitária de adultos, adolescentes e crianças cuja influência para a obtenção desses



objetos e artefatos é estimulada diariamente através de anúncios, propagandas e outros meios de comunicação passando a fazer parte da vida das pessoas (2017, p. 143).

A intensão dessa prática de ensino, era trabalhar com questões relativas a identidade dos educandos, no entanto, percebi que meu desafio era ajuda-los a romperem o vínculo com o patriarcado que acaba por influenciar nas escolhas que eles fazem das imagens. Pois durante as observações de aula de outros professores, mas principalmente durante minhas práticas, percebi que tais artefatos visuais são usados pelas crianças para construir as narrativas de modo condicionado pelos estereótipos de gênero.

Normalmente essa conduta é mais perceptível no trabalho das meninas, por indicativos que apontam o uso da cor rosa e o uso de imagem que comumente são ícones atribuídos às meninas. Isso é explicável nas palavras de Nunes ao analisar que: “as meninas se identificam com suas personagens preferidas no que se refere tanto a aspectos físicos e estéticos (roupas, acessórios, beleza corporal), quanto a maneiras de ser e de agir”.

O que foi perceptível durante o trabalho realizado com as crianças é que de certo modo, as meninas costumam se representarem através de imagens que foram normatizados como sendo pertencentes a elas, assim como podemos ver no trabalho a seguir (figura 1) que foi elaborado por uma menina de oito anos do segundo ano durante uma oficina:



Figura 1: Fotografia da autora do texto

É perceptível no trabalho da menina em questão que ela se utilizou de uma imensa quantidade de imagens de bonecas, que hegemonicamente são associadas às meninas. A realização destes trabalhos implicou diretamente na forma como eu propus (em meus planejamentos) que as aulas fossem conduzidas, de modo que tive de realizar alterações e pensar em novas metodologias.

Assim sendo, conclui que não poderia apenas deixá-los livres para produzir, mas também ajudá-los a pensar criticamente sobre os elementos que estavam sendo adicionados como forma representativas. De certo modo, eu não poderia deixar de lembrar que a Arte na escola também tem uma função epistemológica, como área de conhecimento, e que, portanto, deve ter um posicionamento crítico e social.

Não se trata de conduzir as crianças a pensarem em temáticas adultas, problemas políticos e sociais, e privá-los de seus processos imaginativos, inventivos e representativos. O que de fato, pretendia era iniciar um processo que os ajudassem a construir um ponto de vista crítico sobre a cultura que estão inseridos e as imagens presentes em seus cotidianos. Pois acredito, assim como Nunes (2010, p. 165) que “as crianças carregam suas percepções do mundo visual em seu cotidiano e apresentam conflitos sobre relacionamentos interpessoais importantes de serem trabalhados”.

Essa experiência me possibilitou perceber que, em meio a esses enfrentamentos com relação aos artefatos visuais, que impõem padrões do patriarcado, como a divisão binária dos gêneros e o sexismo, é preciso que as professoras de Artes Visuais tomem posicionamentos feministas e conscientes. Conforme afirma Louro:

As formulações pedagógicas construídas na ótica feminista apoiam-se no reconhecimento das desigualdades vividas por meninas e mulheres em relação aos meninos e homens, no interior das instituições escolares [...] estudiosas feministas procuraram produzir um paradigma educacional que se contrapõe aos paradigmas vigentes (1997, p. 112).

Portanto o posicionamento que diz respeito ao ensino de Artes Visuais, por essas professoras, deve ser social, e que proporcione a educação do olhar de seus educandos, muito além da sensibilidade estética. Pois acredito que o ensino da Arte possua esse potencial capaz de gerar um olhar reflexivo, crítico, democrático e que respeite as diferenças.

Ainda assim, é preciso, também, que a visibilidade da produção feminina seja intensificada, com destaque para as produções modernas e contemporâneas que apresentem uma visão da mulher por ela mesma e livre de estereótipos que a classifique na ótica dos homens².

Dessa forma, durante o estágio com a educação infantil, apresentei um maior número de produções artísticas elaboradas por mulheres, de modo que eles fossem percebendo a presença das mulheres na Arte. Essa abordagem foi feita por meio de histórias em forma de contos e adaptações lúdicas, em que falei sobre a vida dessas mulheres, seus enfrentamentos cotidianos e o reflexo disso em suas obras. Um dos objetos que fez parte dessa metodologia foi o livro *Frida ama sua Terra* que conta a história da artista de forma lúdica e infantil.

² O termo se refere aos homens em si não à mulheres e homens.

O objetivo era demonstrar para as crianças, ainda na pré-escola, que as mulheres estavam presentes no mundo artístico e que eles conhecessem principalmente, as artistas que pertenciam a uma realidade mais próxima da delas. Dessa forma, trabalhei com artistas mulheres da América Latina, da Mesoamérica como Frida Kahlo, além de apresentar produções que foram realizadas por mulheres durante o período pré-colombiano, no sentido de ajudá-los a desconstruir alguns pressupostos patriarcais que não valorizam a participação das mulheres na construção cultural de antigas civilizações.

Vale lembrar que como metodologia de coleta de dados, utilizo-me, também, de minha própria experiência como professora de Artes Visuais na Educação Infantil, e nos anos iniciais, cujo os resultados servem para refletir e analisar as teorizações apontadas aqui. Minhas experiências e desafios, perante as influências do patriarcado na educação, elucidam de que forma é possível enfrentá-los através da arte contemporânea, da produção artística realizada por mulheres e de novas metodologias que buscam explorar o potencial do ensino da Arte de modo cada vez mais interdisciplinar.

Acredito que não exista uma maneira ideal de se enfrentar as implicações causadas pelos artefatos visuais, presentes de modo tão abundante no ambiente escolar, no entanto, as possibilidades podem estar presentes na identidade feminista das professoras de Artes Visuais e na maneira como elas utilizam-se da arte contemporânea para isso. Pois acredito assim como Cunha que:

A arte contemporânea pode ser uma das principais referências em propostas pedagógicas na Educação Infantil, tendo em vista sua concepção interrogativa, crítica, lúdica [...] sugerem uma pedagogia provocativa em arte, propiciando a oportunidade de as crianças expressarem o mundo de forma crítica, sensível, buscando suas próprias respostas por meio de produções artísticas. (2017, p. 26).

Entendo que neste sentido seja possível a realização de práticas educativas artísticas mais democráticas e criativas, através do feminismo, além de representar a resistência da diversidade de gênero frente ao conservadorismo patriarcal. Por conseguinte, as reflexões que surgem entre as professoras e seus educandos, são ferramentas para diminuir os preconceitos as desigualdades de gênero. Para Louro, a pedagogia feminista pode ser:

Pensada como um novo modelo pedagógico construído para subverter a posição desigual e subordinada das mulheres no espaço escolar, assim, a pedagogia feminista vai propor um conjunto de estratégias, procedimentos e disposições que devem romper com as relações hierárquicas presentes nas salas de aula tradicionais (1997, 113).

Mas, ainda, que existam professoras empoderadas, não podemos deixar de analisar, que, por conta da influência do patriarcado sobre a formação dessas professoras, é preciso também que haja outro enfrentamento com relação às imagens históricas da Arte³, nas práticas pedagógicas. É nesse sentido, que precisamos problematizar a cultura visual e reconhecer a importância em se apresentar artistas mulheres, que na contemporaneidade são mais numerosas, e que costumam romper com a hegemonia dominante do patriarcado.

Considerações finais

Analisando as produções artísticas feitas pelas crianças através de outras imagens, percebo que elas representam muito de suas visões imaginativas, mas também revelam relações de poder que estão instituídos para determinados grupos sociais. Portanto, não devemos banir as imagens do ambiente escolar, mas sim problematiza-las junto com os educandos, afim de promover o entendimento da dominação hegemônica sobre diversidade de gênero e das diferentes identidades.

Considero, portanto, que para que as práticas artísticas na escola básica sejam engajadas e comprometidas com o feminismo e o respeito a diversidade de gênero, devem contar com a apresentação de artistas mulheres, de trabalhos contemporâneos, críticos e conceituais, afim de ajudar os educandos a perceberem que as representações do feminino e do masculino vão além de elementos instituídos e normatizados de forma binária, biológica.

Acredito que essas visualidades possibilitem a reflexão junto com os estudantes sobre a influências que os artefatos têm sobre suas escolhas de cores e temas trabalhados. Dessa forma, é possível que esses diálogos ajudem ambos a desvelar as mensagens e os códigos que estão inseridos nas imagens com o propósito de condicionar as escolhas humanas.

Pois, de fato, o ensino da Arte tem o potencial para propor perspectivas metodológicas capazes de empoderar as identidades dos educandos e dar voz para os que historicamente foram calados pela hegemonia patriarcal. Neste sentido, é que as professoras com identidades feministas e transgressora se tornam protagonistas no que diz respeito aos enfrentamentos do predomínio dessa hegemonia. De todo modo, essas colocações são inquietações, que partem do desejo de analisar não só a minha trajetória, como a de minhas colegas em formação e das já formadas, para ponderar as implicações da cultura visual midiática sobre nossa atuação profissional.

Compreendo também que essas análises críticas, possam auxiliar a nós, professoras de Artes Visuais, a refletirmos não só sobre nossa formação, mas nossa postura na sociedade predominantemente construída a partir de um viés binário e estereotipado em termo de gêneros.

³ O termo se refere às Artes Visuais, pintura, escultura, gravura e outras formas de representação visual da arte.

Para que saibamos nos posicionar de tal forma a nos libertamos e libertamos nossos educandos das amarras do patriarcado, e para que possamos produzir nossas visualidades de forma autônoma, livre de estereótipos de gênero e da separação binária conservadora instituída.

Concluo também que o desejo de se pensar no ensino das Artes Visuais numa perspectiva pós-estruturalista e feminista como forma de construir práticas educativas mais igualitárias, criativas e livre de discursos sexistas, deva ser parte da rotina de nossas formações e atuação como mulheres e professoras. Pois creio que não seja mais possível conduzir um ensino, que é diverso, amplo e interdisciplinar de maneira tão tradicional ou de forma apenas expressiva.

Numa atualidade em que as imagens são tão presentes no cotidiano, manipulando, normatizando e conduzindo, a nós professoras e aos nossos educandos, é preciso que o Ensino das Artes Visuais se organize através de novas metodologias e meios para refletir sobre a Cultura Visual. Portanto, precisamos estar preparadas para enfrentar e cogitar sobre implicações causadas pelas visualidades midiática e propagandista em nossa formação identitária, humana e principalmente em nossas práticas pedagógicas.

Referências

CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de. Gênero é um conceito complexo e de difícil sensocomunização. considerações a partir de uma experiência de formação docente. **Sexualidade e gênero: ensaios educacionais contemporâneos**. Instrumento: R. Est. Pesq. Educ. Juiz de Fora, v. 12, n. 2, jul./dez. 2010. Disponível em: <<https://instrumento.ufjf.emnuvens.com.br/revistainstrumento/article/viewFile/937/800>> Acesso em 18/08/2018.

COUTINHO, Andréa Senra & LOPONTE, Luciana Grupelli. Artes Visuais e feminismos: implicações pedagógicas. **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis: 23(1): 181-190, janeiro-abril/2015. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/37471/28767>> Acesso em: 08/08/2018.

CUNHA, Susana Rangel Vieira da. Uma Arte do nosso tempo para as crianças de hoje. In: CUNHA, Susana Rangel Vieira da e CARVALHO, Rodrigo Saballa de. **Arte Contemporânea e Educação Infantil: crianças observando, construindo e criando**. Porto Alegre: Mediação, 2017.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 1997.

NUNES, Luciana Borre. A cultura visual nas tramas escolares: A produção da feminilidade nas salas de aula. In: MARTINS, Raimundo e TOURINHO, Irene. **Cultura Visual e Infância: quando as imagens invadem a escola**. Santa Maria: editora UFSM, 2010.

PEREIRA, Alexandre Adalberto. Estereótipos desenhados, identidades projetadas. In: MARTINS, Raimundo e TOURINHO, Irene. **Cultura Visual e Infância: quando as imagens invadem a escola**. Santa Maria: editora UFSM, 2010.

SOUZA, Fabiana Lopes de; ZAMPERETTI, Maristani Polidori. Visualidades, arte e gênero – um estudo a partir de artistas mulheres. In: **I Seminario Internacional de Investigación En Arte y Cultura Visual – Dispositivos y artefactos / narrativas y mediaciones**. Montevideo, 2017. Disponível em: <http://seminarioculturavisual.enba.edu.uy/index-pr.html#anales>. Acesso em: 19 maio 2018.

XAVIER FILHA, Constantina. Sexualidade e identidade de gênero na infância. **Revista Diversidade e Educação**, v.3, n.6, p. 14-21, jul./dez. 2015.

Minicurrículo

Alessandra Gurgel Pontes

Atualmente Mestranda em Educação pela Universidade Federal de Pelotas. Bacharel em Artes Visuais (2012) e discente do curso de Licenciatura em Artes Visuais (2016), ambas pela Universidade Federal de Pelotas. Tem interesse na área de Arte-educação, pedagogias feministas e cultura visual. Lattes disponível em: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4325767E3>.